

O DEUS DA EVOLUÇÃO

Teilhard de Chardin

- escrito a bordo, em 1953 -

(de “A minha Fé”, *Ed. Notícias, Lisboa, 2000*)

Numa série de breves exposições¹, tentei, nos últimos anos, circunscrever e definir a razão exacta pela qual o Cristianismo, apesar de um certo renovo do seu crédito entre os meios conservadores (ou *un-developed*) do mundo, está decididamente a perder à nossa vista o seu prestígio e o seu atractivo sobre a fracção mais influente e mais progressiva da Humanidade. Não só para os Gentios ou os simples fiéis, mas até no seio das ordens religiosas, o Cristianismo ainda *abriga* parcialmente, mas já não *cobre*, nem *satisfaz*, nem *conduz* a «alma moderna». Algo já não funciona — e, portanto, algo é esperado a breve prazo no planeta, em matéria de fé e de religião. — Mas o quê precisamente?...

E a esta pergunta, feita por toda a parte, que vou tentar uma vez mais responder, estabelecendo, mediante um pequeno número de proposições encadeadas, a realidade de um fenómeno cuja evidência me obsidia há quase cinquenta anos: refiro-me à ascensão irresistível (e no entanto ain da ignorada) no nosso horizonte daquilo a que se poderia chamar um Deus (*o Deus*) da Evolução.

¹*O Cerne do Problema* (1950) T. V, das obras, pp. 339-349. Éd. du Seuil. *O Sentido da Cruz* (1952) mais atrás p. 241. *Contingência do Universo* (1953) mais atrás p. 251. (N. *do E.*)

I. O ACONTECIMENTO «EVOLUÇÃO»

Na origem profunda das múltiplas correntes e conflitos que agitam neste momento a massa humana, estou cada vez mais persuadido de que devemos colocar o despertar gradual da nossa geração para a consciência de um movimento de amplitude e de organicidade cósmicas, que nos impele, quer queiramos quer não, através da imparável edificação mental de uma *Weltanschauung* comum, em direcção a algum «ultra-humano», em frente no Tempo.

Há um século, a Evolução (como se diz) podia ainda ser encarada como uma simples hipótese local, formulada para uso do problema da origem das Espécies (e, mais especialmente, para uso do problema das origens humanas). Desde então, porém, somos forçados a reconhecer que ela invadiu e comanda agora a totalidade da nossa experiência. «Darwinismo», «Transformismo»: estes termos já só têm um interesse histórico. Desde os mais ínfimos e os mais instáveis elementos nucleares até aos viventes mais elevados, nada existe, vemo-lo agora — nada é cientificamente pensável na Natureza — senão em função de um enorme e único processo conjugado de «corpusculização» e de «complexificação», no decurso do qual se desenham as fases de uma gradual e irreversível interiorização («consciencialização») daquilo a que chamamos (sem saber o que é) a Matéria:

a) Muito em baixo, primeiro, e em quantidade imensa, uns corpúsculos relativamente simples e ainda (pelo menos aparentemente) *inconscientes* (Pré-Vida).

b) Em seguida, consecutivamente à emergência da Vida, e em quantidade de certo modo fraca, uns seres *simplesmente conscientes*.

c) E agora (só agora!) uns seres chegados de súbito à *consciência de se tornarem dia após dia um pouco mais conscientes* por efeito de «co-reflexão».

Eis o ponto em que estamos.

Não só, como diria mais atrás, a Evolução, no espaço de alguns anos, invadiu o campo inteiro da nossa experiência — mas ainda, por nos sentirmos nós próprios tragados e aspirados no seu fluxo convergente, ela (esta Evolução) está em vias de revalorizar para a nossa Acção o domínio total da existência: na exacta medida em que o aparecimento de um Cume de unificação no termo superior da agitação cósmica vem *objectivamente* fornecer às aspirações humanas (pela primeira vez no decurso da história) uma direcção e um fito absolutos.

Donde, *ipso facto*², o desajustamento geral que verificamos à nossa volta de todos os antigos quadros, quer em Moral, quer em Religião.

II. O DIVINO NA EVOLUÇÃO

Continuamos a ouvir dizer que o facto de o Universo se apresentar agora a nós, já não como um Cosmos, mas como uma Cosmogénese, em nada altera a ideia que podíamos ter anteriormente do Autor de todas as coisas. «Como se, para Deus, repetem alguns, pudesse haver uma diferença entre criar *instantaneamente* ou *evolutivamente*.»

² Por isso mesmo. (*N. do E.*)

Não procurarei discutir aqui a noção (ou pseudonoção?) de «criação instantânea», nem me alargarei sobre as razões que me levam a suspeitar de uma contradição ontológica latente sob esta associação de palavras.

Mas, em contrapartida, devo absolutamente insistir no seguinte ponto capital:

Enquanto, no caso de um Mundo estático, o Criador (causa eficiente) permanece, diga-se o que se disser, *estruturalmente* desprendido da sua obra e, logo, sem fundamento definível para a sua imanência — no caso de um Mundo de natureza evolutiva, pelo contrário, Deus já não é concebível (nem estrutural nem dinamicamente) senão na medida em que, como um género de causa «formal», Ele coincide (sem se confundir) com o Centro de convergência da Cosmogénese. Nem estrutural nem dinamicamente, digo bem: porque se Deus não nos aparecesse agora nesse ponto supremo e preciso onde se enlaça de ora avante a nossos olhos a Natureza, já não seria para Ele (situação absurda!) mas para um outro «Deus» que tenderia inevitavelmente o nosso poder de amar.

Desde Aristóteles, não se cessara de construir os «modelos» de Deus segundo o tipo de um Primeiro Motor extrínseco, agindo *retro*³. Desde a emergência, na nossa consciência, do «sentido evolutivo», já não nos é fisicamente possível conceber, nem adorar, outra coisa senão um Deus Primeiro Motor orgânico *ab ante*⁴.

Só um Deus funcional e totalmente «Ómega» pode daqui em diante satisfazer-nos.

Mas onde encontrar um tal Deus?

Quem é que dará afinal o seu Deus à Evolução?

³ A partir das origens. (N. do E.)

⁴ Que nos atrai para diante. (N. do E.)

III. O ADVENTO E O ACONTECIMENTO CRÍSTICOS

Assim, no seguimento da travessia muito recente de um novo ponto crítico pela Vida ao longo do seu desenvolvimento⁵, já nenhuma forma ou fórmula religiosa antiga poderá (nem de facto, nem de direito) preencher, no que elas têm agora de mais especificamente humano, a nossa necessidade e a nossa capacidade de adorar. De tal modo que não pode deixar de aparecer em breve uma «religião do futuro» (definível como uma «religião da Evolução»): mística nova, cujo germe (como acontece no caso de todo o nascimento) deve poder *desde já* reconhecer-se algures à nossa volta.

Quanto mais se reflecte nesta situação psicobiológica, mais se destacam o significado e a importância *universais* do que é lícito designar por «advento crístico».

O Evangelho conta-nos que, certo dia, Jesus perguntou aos seus discípulos: «Quem dicunt esse Filium hominis?»⁶ Ao que Pedro respondeu impetuosamente: «Tu es Christus, Filius Dei vivi.»⁷ O que era simultaneamente uma resposta e uma não-resposta: pois permanecia toda a questão de saber o que é exactamente «o Deus vivo e verdadeiro».

Ora, desde as origens da Igreja, toda a história do pensamento cristão não consiste porventura numa só lenta e persistente explicação do testemunho transmitido por Pedro ao Homem-Jesus?

⁵ Sendo este ponto crítico a tomada de consciência pelo Homem de um movimento convergente sobre si da consciência humana.

⁶ «O que dizem do Filho do homem?» (N. *do E.*)

⁷ «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.» O texto exacto da Vulgata, *Mt*, XVI, 15-16, é «Dicit illis Jesus: Vos autem quem me esse dicitis? Respondens Simon Petrus dixit: Tu es Christus Filius Dei vivi.» (N. *do E.*)

Fenómeno absolutamente único e estranho. Ao passo que, invariavelmente, com a passagem dos séculos, todas as grandes figuras de profetas se esbatem ou se «mitificam» na consciência dos homens — Jesus, ele e só ele, torna-se ao longo do Tempo um ser cada vez mais real para uma fracção particularmente vivaz da Humanidade; isto, de resto, por um duplo movimento que, paradoxalmente, o personaliza e o universaliza do mesmo passo cada vez mais, ao sabor dos anos que transcorrem. Para milhões e milhões de crentes (tomados entre os mais despertados dos humanos), Cristo, desde que apareceu, nunca cessou após cada crise da História de reemergir mais presente, mais urgente, mais avassalador do que nunca.

O que lhe falta, então, para poder apresentar-se uma vez mais, ao nosso Mundo novo, como o «novo Deus» que esperamos?

Duas coisas, em meu entender; e só duas coisas.

A primeira é que, num Universo onde já não podemos considerar seriamente que o Pensamento é um fenómeno exclusivamente terrestre, ele deixe de estar limitado *constitucionalmente* na sua operação a uma simples «redenção» do nosso planeta.

E a segunda é que, num Universo onde agora, aos nossos olhos, tudo se co-reflecte segundo um só eixo, ele já não seja oferecido à nossa adoração (em consequência de uma subtil e perniciososa confusão entre «sobrenatural», e «extranatural») como um cimo distinto e rival do cume onde conduz a vertente biologicamente prolongada da antropogénese.

Na óptica de qualquer homem desperto para a realidade do Movimento cósmico de Complexidade-Consciência que nos engendra, Cristo, tal como a teologia clássica continua a propô-lo ao Mundo, é ao mesmo tempo demasiado limitado (demasiado localizado) astronomicamente, e demasia

do excêntrico evolutivamente, para poder «cefalizar» o Universo tal como este nos surge agora.

Mas, para lá disto, não é acaso reveladora a correspondência entre a figura (o «pattern») dos dois Ómegas em presença: o postulado pela Ciência moderna, e o experimentado pela mística cristã?... A correspondência — ou até a paridade! Em realidade, Cristo não se quedaria o Consumador tão apaixonadamente descrito por São Paulo se não revestisse, muito justamente, os atributos do espantoso pólo cósmico virtualmente já (senão explicitamente ainda) requerido pelo nosso novo conhecimento do Mundo para atar ao seu cume a marcha da Evolução.

E sempre perigoso, claro está, predizer e extrapolar.

De qualquer modo, nas circunstâncias presentes, como não considerar que a ascensão gradual de Cristo na consciência humana não pode continuar muito mais tempo sem que se produza, no nosso céu interior, o acontecimento revolucionário da sua conjugação com o Centro, de ora avante previsível, de uma co-reflexão terrestre (e, mais geralmente, com o foco presumido de toda a Reflexão no seio do Universo)?

Forçados cada vez mais estreitamente um contra o outro pelos progressos da Hominização, e mais ainda atraídos um para o outro por uma identidade de fundo, os dois Ómegas, repito (o da Experiência e o da Fé), aprestam-se decerto a reagir um sobre o outro na consciência humana, e finalmente a *sintetizar-se*: estando o Cósmico no ponto de engrandecer fantásticamente o Crístico; e o Crístico no ponto (coisa inverosímil!) de amorizar (ou seja, de enérgi- ficar ao máximo⁸) o Cósmico na sua totalidade.

⁸E, por assim dizer, de «levar à incandescência»...

Encontro inevitável e «implosivo», em verdade, tendo por efeito provável o de soldar entre elas, amanhã, no meio de um fluxo de potência evolutiva libertada, Ciência e Mística — em torno de um Cristo finalmente identificado⁹ pelo trabalho dos séculos, dois mil anos após a Confissão de Pedro, como o cimo último (quer dizer, como o único Deus possível) de uma Evolução reconhecida decididamente enquanto movimento de tipo convergente.

Eis o que prevejo.

E eis o que espero.*

⁹ Isto por extensão directa dos seus atributos teândricos, e sem que se estilhace não obstante a sua realidade histórica.

* No Equador, 25 de Outubro (Cristo Rei) de 1953.

Publicado no Caderno VI da Fundação Teilhard de Chardin (Éd. du Seuil, 1968).